

# SIGNIFICANTE E SIGNIFICADO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONTRIBUIÇÕES DE SAUSSURE

Glaúcia do Carmo Xavier

Professora DE do Instituto Federal de Minas Gerais- Campus Ouro Preto. Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela PUC-MG. Mestre em Educação pela PUC-MG.

P

ara Saussure, a língua é um sistema de signos formados pela junção do significante e do significado, ou seja, da imagem acústica e do sentido. Esses saberes contribuem muito para a alfabetização e letramento, pois, nesse processo, o sujeito parte do concreto, por meio de desenhos para um conhecimento abstrato, relacionado ao mundo da escrita. Partindo de escritas pictográficas à ideográficas, até a chegada a uma escrita silábica e por conseguinte a uma escrita alfabética, o sujeito, em fase de alfabetização, traça o caminho que Saussure descreve por meio do significante e do significado pelos quais os signos são abarcados. Nesse sentido, este trabalho demonstra como ocorre a transição de uma escrita em que o conceito é privilegiado para uma escrita em que se privilegia o significante. As atividades retratarão como o aluno parte do desenho, como representação das coisas e aprende a utilizar palavras para dar lugar a esse primeiro modo de representação do mundo. Na primeira seção, este texto descreve e explica a Teoria de Saussure sobre signo linguístico. Em seguida, demonstra, com exemplos e atividades de crianças no período de alfabetização escolar, como isso ocorre. Para concluir, o texto traz alguns comentários finais considerando esse processo de transição.

*Resumo*

Palavras-chave: Saussure. Alfabetização. Significado. Significante.

## Introdução

Para Saussure, a língua é um sistema de signos formados pela junção do significante e do significado, ou seja, da imagem acústica e do sentido. Esses saberes contribuem muito para a alfabetização e letramento, pois, nesse processo, o sujeito parte do concreto, por meio de desenhos para um conhecimento abstrato, relacionado ao mundo da escrita.

A relevância do signo linguístico se faz presente, uma vez que ele precisa ser compartilhado socialmente e, dessa forma, representa uma etapa final do processo de alfabetização. Partindo de escritas pictográficas a ideográficas até chegar a uma escrita silábica e, conseqüentemente, à alfabética, o sujeito, em fase de alfabetização, traça o caminho que Saussure descreve por meio do significante e do significado pelos quais os signos são abarcados.

É com o intuito de demonstrar como os saberes relacionados ao significado e ao significante são relevantes para o processo de alfabetização, principalmente na aquisição da escrita, é que este trabalho foi proposto. Na primeira seção, este texto descreve e explica a Teoria de Saussure sobre signo linguístico. Em seguida, será demonstrado com exemplos e atividades de crianças no período de alfabetização escolar como ocorre o processo de transição de uma escrita em que o conceito é privilegiado para um processo em que se privilegia o significante. Por fim, o texto traz alguns comentários finais sobre as contribuições de Saussure para o entendimento do processo de alfabetização e letramento.

## Saussure e a teoria do signo linguístico

Ferdinand de Saussure (1857/1913) é considerado hoje o pai da linguística moderna. Em sua formação acadêmica, o Comparativismo indo-europeu dominava os estudos da linguística. Nessa fase, o objetivo era, inicialmente, identificar-se com as ciências da natureza, entendendo que as línguas nascem, crescem e morrem, assim como os organismos. Porém, um movimento culturalista surge e acredita que as línguas não existem por si mesmas, mas são instrumentos culturais que sofrem influências sociais, históricas, geográficas etc. Entretanto, Saussure se opõe ao método histórico-comparatista existente até então. Para ele, a linguística da época tratava de diversos aspectos com nomes iguais. Assim, Saussure, primeiro,

tenta dar à linguística uma linguagem unívoca e se preocupa em delimitar o objeto de estudo e um método específico para essa ciência. E dentre tantos aspectos estudados, Saussure cria a Teoria do Signo Linguístico e seus princípios (CARVALHO, 2000).

Ele não deixou muitos escritos em vida, apenas alguns artigos e sua tese de doutorado. O livro “Curso de Linguística Geral”, muito conhecido, é um resultado de uma compilação de aulas feita por dois alunos (Charles Bally e Albert Sechehaye) nas aulas de Linguística Geral, entre 1906 e 1911, na Universidade de Genebra. É baseando-se, principalmente, nesta obra que este trabalho explanará sobre o signo linguístico.

## Significado e significante

Enquanto a linguística se preocupa com a linguagem humana, a Semiologia se preocupa com todo tipo de linguagem, a dos animais, a linguagem natural ou convencional. A Semiologia, considerada por Saussure como uma grande ciência que abarca a Linguística, difere sinais naturais e convencionais. Os primeiros podem ter como exemplo uma nuvem, cheiro, fumaça; os segundos são mais complexos e pressupõem a existência de uma cultura. São representados sob a forma de ícones, símbolos ou signos. O ícone e o símbolo não são considerados arbitrários, pois são imagísticos, já o signo é arbitrário (CARVALHO, 2000).

Para Saussure,

Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas. Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, retificadas pelo conhecimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro.

Dessa forma, o signo tem uma natureza psíquica e é a união do sentido e da imagem acústica, ou seja, do significado e do significante. Pode-se entender como significado o sentido, o conceito ou mesmo a ideia de alguma coisa. Seria a representação mental de algo. Já o significante pode ser entendido como a imagem acústica: “Esta não é o som material,

coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos.” (SAUSSURE, 2003, p. 80). É possível dizer que o significante é a parte perceptível do signo e o significado a parte inteligível.

Assim, o signo se parece a uma moeda com duas faces inseparáveis, mas ao mesmo tempo interdependentes. O significado e o significante estão unidos mentalmente por um vínculo de associação, porém não podem ser interpretados como um objeto e seu nome ou rótulo. Isso seria uma interpretação errônea. “Quando um falante de português recebe a impressão psíquica que lhe é transmitida pela imagem acústica ou significante /kaza/, graças à qual se manifesta fonicamente o signo casa, essa imagem acústica, de imediato, evoca-lhe a ideia de abrigo” (CARVALHO, 2000, p. 28). Pode-se dizer que o falante faz uma associação do significante /kaza/ ao significado de lugar para se viver, descansar, fazer refeições, etc.

Como o signo é a junção do conceito com a imagem acústica ele foge “à vontade individual ou social, estando nisso seu caráter essencial” (SAUSSURE, 2003, p. 25). Para que um signo seja um signo, é preciso que socialmente haja uma aceitação para tal, quer dizer, uma convenção social. Ninguém pode dizer que a partir de agora, por exemplo, a palavra cadeira se refere a céu. Essas convenções não podem ser desfeitas em qualquer momento por qualquer pessoa.

Há um aspecto paradoxal na questão dos signos, pois, de um lado não podem ser analisados separadamente, já que a imagem acústica é a contraparte do conceito, por outro lado, o signo é a relação que une os dois elementos. Assim, os termos são solidários. Pode-se, por exemplo, trocar uma palavra por outra palavra da mesma natureza. Nesse paradigma, o seu valor não está fixado, nem é imutável. Entretanto, não se pode negar a força social e cultural que o signo exerce. Daí sua ideia de arbitrariedade.

## A arbitrariedade do signo linguístico

A ideia de significado e significante toca na questão da arbitrariedade, pois a ideia de “sol” não está diretamente ligada aos sons de s-o-l que é seu significante. As palavras não se relacionam diretamente com o valor e o conceito das coisas. Vê-se isso quando se observam outros idiomas. A palavra “sol”

em português não se parece com a palavra sol em inglês ou alemão, mas o conceito é o mesmo, independentemente da imagem acústica. “Quando ouvimos uma língua desconhecida, somos incapazes de dizer como a sequência de sons deve ser analisada” (SAUSSURE, 2003, p. 120). Isso porque o conceito não apresenta um caráter fônico especial e a uma porção de sons é significante de um significado.

Como o significante é arbitrário, ou seja, imotivado em relação ao significado, conclui-se que não há nenhuma relação natural entre os dois, por isso são interdependentes. Não há um significante verdadeiro, qualquer um pode ser válido, depende do idioma. Nesse sentido, o signo linguístico é arbitrário. Seu significante não tem uma relação única e direta com seu significado, além de só ter valor situado dentro de um sistema linguístico específico, mais um motivo para determinar que as vontades individuais não podem alterar um signo.

### Possíveis hierarquias entre significante e significado

O significante é uma representação sonora do vocábulo, ele não é um som material, mas sim a impressão psíquica desse som. Ele está relacionado à imagem acústica, é uma tradução fônica de um conceito e é sensorial. O significado é um conceito, pode ser representado, está diretamente ligado a uma ideia ou pensamento e é totalmente psíquico e não psicofísico, como o outro. Tendo com mais clarezas as diferenças entre um e outro, tem-se também com mais clareza sua interdependência para a existência de um signo linguístico.

Nesse movimento de definição de signo, tem-se a escrita e a língua como dois diferentes sistemas de signos. A existência da escrita, para Saussure (2003) não tem outra razão de ser, a não ser a de representar a língua, mas ele considera que a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada que a representação do signo vocal fica tendo mais importância do que o próprio signo. “É como se acreditássemos que, para conhecer uma pessoa, melhor fosse contemplar-lhe a fotografia do que o rosto” (p. 34).

A escrita, com isso, acaba tendo muito prestígio. O fato de a imagem gráfica das palavras ser concebida como um objeto permanente e concreto, por vezes, sobressai-se ao som que constitui a unidade de uma língua, além de ser a impressão visual

mais duradoura do que uma impressão acústica. Tem-se ainda o peso da língua literária: “é conforme o livro e pelo livro que se ensina na escola; a língua aparece regulamentada por um código, ora, tal código é, ele próprio, uma regra escrita, submetida a um uso rigoroso: a ortografia” (SAUSSURE, 2003, p. 34).

Analisando os sistemas de escrita, para Saussure, tem-se o sistema ideográfico e o sistema fonético. No primeiro, a palavra é sempre representada por um signo único e arbitrário aos sons. Podem-se exemplificar com símbolos, desenhos ou mesmo a escrita chinesa. O sistema fonético representa a série de sons que uma palavra apresenta. A escrita fonética pode ser silábica ou alfabética. Culturalmente, a escrita tende a substituir a palavra falada. Refletindo o sentido de significante e significado, tem-se o significado mais aproximado à ideia de desenho que pode ser representado e o significante à ideia de representação do som. Esse é então o ponto de partida para o debate do processo de alfabetização e letramento, principalmente sobre a aquisição da escrita.

## Alfabetização e letramento

Antes do período de alfabetização, o sujeito tenta representar o mundo através de desenhos. E estes se aproximam ao máximo da realidade. Tomando como exemplo crianças, elas tendem a representar a palavra através de símbolos ou uma escrita pictográfica. Na fase de alfabetização, a criança traça um caminho que parte do desenho, como representação concreta para a escrita da palavra, como uma representação mais abstrata, pois, como foi visto, o signo é arbitrário e a representação da palavra com a escrita, se comparada ao conceito, não é motivada.

Talvez seja pela motivação e imotivação do signo linguístico que o processo de alfabetização é visto como um período delicado e complexo na vida escolar de um aluno. É uma transição significativa e importante e que precisa de tempo para ocorrer. É preciso reconhecer que não é algo simples passar de uma escrita pictórica para uma escrita alfabética. E na alfabetização, a criança sai do concreto em direção ao abstrato.

Quanto mais icônica for a representação, mais fácil é a compreensão. As crianças usam então desenhos como forma de representação do mundo. Na Teoria de Saussure, o significado e o significante podem ser utilizados para compreender o processo de alfabetização, pois as crianças partem do conceito, como

algo mais concreto e que pode ser representado com desenhos, para ir em busca do significante, ou seja, a representação da imagem acústica.

Segundo Soares (2003), a escola é responsável tanto pela alfabetização (aprendizagem das habilidades básicas de leitura e escrita) quanto pelo letramento, visto como o desenvolvimento responsável pelo uso competente da leitura e da escrita, nas diversas situações sociais que envolvem a língua escrita. Porém, o conceito de letramento hoje, por vezes, é visto como uma nova metodologia de ensino da escrita. A partir dele surgiu uma confusa interpretação de que a criança é alfabetizada por métodos tradicionais ou é letrada através de um novo método surgido nos últimos anos. “Não existe método de letramento, como conjunto de estratégias didáticas para o ensino inicial da leitura e da escritura” (KLEIMAN, 2010, p.378). É importante deixar isso claro para evitar a dicotomia de que se deve letrar e não alfabetizar.

É nesse sentido que a escola tem se esforçado a trabalhar com uma dinâmica em que tudo ocorre simultaneamente: alfabetização e letramento. As práticas de reconhecimento de letras, sons, sílabas e palavras não devem ser abandonadas e menos ainda as atividades de análise da língua. Objetiva-se uma concepção de escrita para a vida social, tornando o sujeito capaz de agir, tomar decisões e posicionar “por si mesmo” em diversas circunstâncias que envolvem o mundo da escrita.

Nesse processo de alfabetizar e letrar em que escola é tida como a maior responsável, não se pode deixar de lado as fases pelas quais as crianças passam e os métodos que são utilizados. Sobre as fases, Ferreiro (2000) cita quatro: a pré-silábica, a silábica, a silábico-alfabética e a alfabética. A primeira se refere a um período em que a criança começa a diferenciar o desenho da escrita. A fase silábica diz respeito a uma tentativa de representar a palavra com letras, “marcada por um controle progressivo das variações sobre os eixos qualitativo e quantitativo” (HERMONT, 2000, p. 30). A fase silábico-alfabética se refere ao período em que a criança começa a relacionar letras a sílabas. E o último, a fase alfabética, é aquela em que o sujeito representa cada som com uma letra.

Vê-se que os tipos de escrita se relacionam com as fases da alfabetização, e essas, por sua vez, com a Teoria do Signo Linguístico de Saussure quando se observa que as escritas pictográficas e ideográficas se relacionam diretamente com o

significado e as escritas silábicas e alfabéticas com o significante.

Em relação aos métodos, este artigo não pretende se debruçar nesse viés, mas considera que para a transição entre uma escrita que privilegia o significado para uma escrita que privilegia o significante, o recurso de trabalhar a consciência fonológica é importante. Ela auxilia a compreensão “de que a escrita (a nível da palavra) é a representação da forma sonora da fala e que a criança precisa tê-la desenvolvido para representá-la na escrita” (FRADE, 2003, p. 24).

A partir da próxima seção, este trabalho tentará demonstrar como a escola, através de métodos e atividades lida no processo da alfabetização. Para isso, foram selecionadas tarefas de duas crianças em fase de alfabetização, dois irmãos, Marcela e Arthur. No período de alfabetização, eles estudavam em uma escola privada e católica de Belo Horizonte.

### Do significado ao significante - a prática da sala de aula

Para iniciar, serão tomadas como base tarefas dos dois irmãos a partir do 2º período. Mesmo eles tendo idades diferentes e, conseqüentemente, as tarefas tenham sido realizadas em anos diferentes, é possível observar como a criança representa o mundo no início do processo de alfabetização.

Um progresso pode ser constatado quando se observam as figuras 1, 2 e 3, abaixo, a primeira foi feita pelo aluno Artur em 29 de fevereiro, no 2º período, a segunda, três meses depois, em maio e a última em novembro do mesmo ano. Na ocasião, a criança tinha 5 anos. A atividade se refere à reescrita de livros lidos em sala.



Figura 1: reescrita de livro- 2º período/ fevereiro



Figura 2: reescrita de livro – 2º período/ maio



Figura 3: reescrita de livro – 2º período/ novembro

Observando as próximas figuras (uma atividade de fevereiro e outra de março do ano seguinte, ou seja, 2011), nota-se que os desenhos começam a ser substituídos por letras, quer dizer, o significado vai dando espaço ao significante. Porém, nesse momento, os alunos, assim como Artur, se encontram, em sua maioria, na fase pré-silábica. As palavras começam a ganhar formas, mas todas as letras ainda não correspondem aos sons.



Figura 4: fev/ 2011- 1º ano

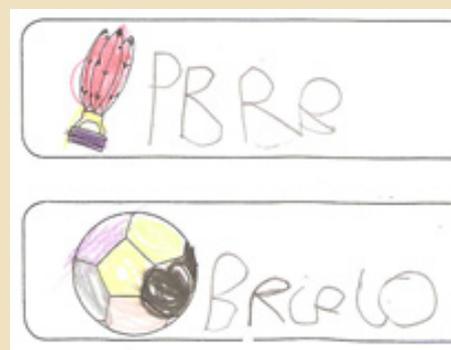


Figura 5: março/ 2011- 1º ano

Já no mês seguinte, outra realidade, Artur em uma nova fase, a silábica, em que as crianças começam a relacionar uma letra

a cada sílaba. Nessa fase, vê-se com mais solidez a presença do significante em detrimento significado.

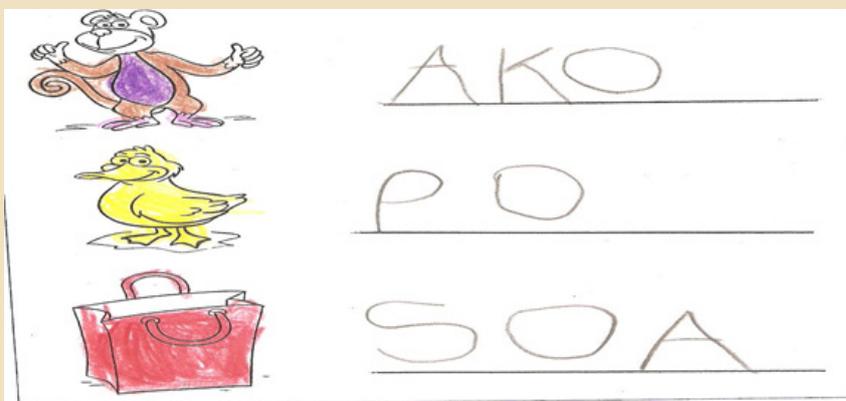


Figura 6: abril/ 2011- 1º ano

Tomando como exemplo a atividade acima, na palavra macaco, Artur escreve a letra “A” para representar a sílaba “MA”, a letra “K” para representar a sílaba “CA” e a letra “O” para representar a sílaba “CO”.

S	O	A
SA	CO	LA

Nessa fase, muitas famílias chegam a acreditar que a criança não está tendo sucesso escolar e que não está sabendo escrever corretamente, ou mesmo, que a escola não está alfabetizando de forma coerente. Entretanto, o processo se dá de forma correta e, na verdade, a criança está avançando, passando por cada fase esperada. Isso é garantido de tal forma que no mês seguinte, em maio de 2011, Artur avança ainda mais, indo ao encontro de uma nova fase, a silábica-alfabética, como se verifica na figura a seguir.

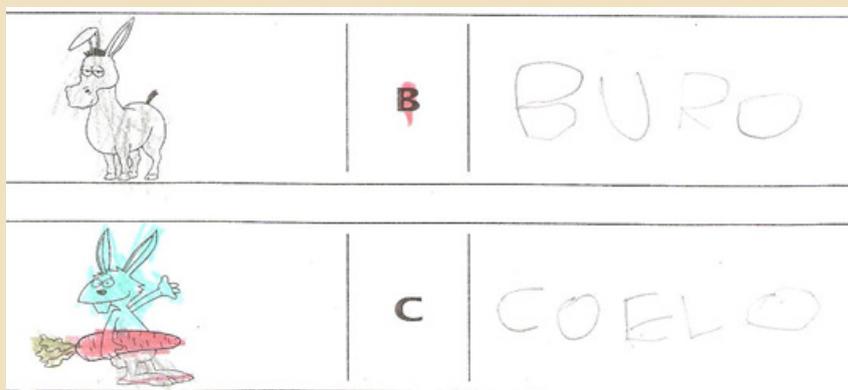


Figura 7: maio/ 2011- 1º ano

E dessa forma, Artur, assim como seus colegas, avança no processo de aquisição da escrita e leitura. A fase alfabética,

em que cada letra não representa mais uma sílaba inteira, mas cada som, é notada claramente e as crianças percebem que para representar cada som, é necessário que se tenha uma letra.

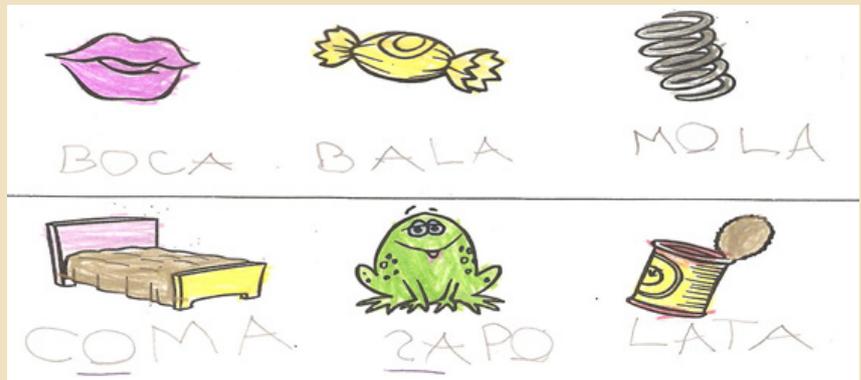


Figura 8: junho/ 2011- 1º ano

Nesse início, é comum que as primeiras palavras aprendidas tenham, em sua maioria, sílabas simples que combinam consoante/vogal em sua sequência, mas com o tempo, outras combinações de sons vão sendo aprendidas. Artur, por exemplo, chega no segundo semestre do 1º ano e com 6 anos de idade na fase alfabética, já aprendendo a escrever sílabas mais complexas.

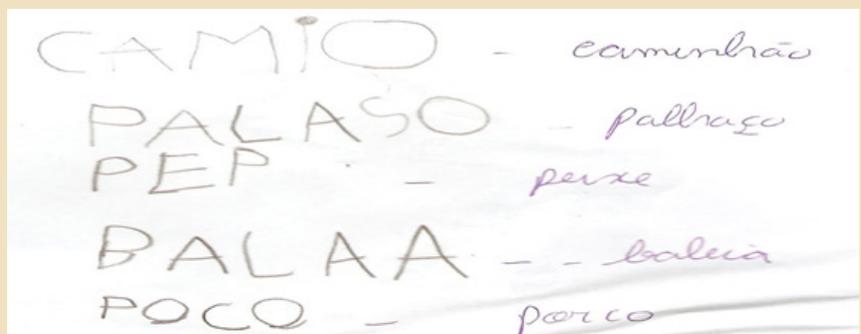


Figura 9: out/ 2011- 1º ano

A próxima figura refere-se a uma atividade de Marcela, irmã de Artur. Nota-se que ela faz uso de palavras e desenhos, porém é por meio do significante que concentra a informação. Nesse momento, ela utiliza palavras não só para transmitir a informação na frase, como também como uma forma de legenda para o desenho feito. Isso dá uma ideia de que a criança não se convence mais a transmitir uma informação utilizando apenas desenhos.



Figura 10: jul/ 2009- 1º ano

No ano seguinte, o 2º ano, Artur desenvolve cada vez mais sua escrita. Textos, frases e desenhos, antes tão necessários para retratar e representar o mundo no papel. Com a alfabetização, o significativo se torna mais presente, como forma principal de representação das coisas do mundo.



Figura 11: mar/ 2012- 2º ano

2. EM CADA ÁRVORE NASCEM 5 MAÇÃS POR VEZ, SE EXISTEM 2 MACIEIRAS NA FAZENDA, QUANTAS MAÇÃS PODEM SER COLHIDAS POR VEZ?

desenho Problema



Podem ser colhidas por vez 10 maçãs

3. A GALINHA TEM 4 PINTINHOS QUE VIVEM ANDANDO ATRÁS DELA, SE ELA CHOCAR MAIS 4 OVOS, QUANTOS PINTINHOS ELA TERÁ ENTÃO?

A galinha ficou com 8 pintinhos

Figura 12: mar/ 2012- 2º ano

A partir de então, o desenho, como representação do significado, passa a ser um suporte apenas, enquanto as letras e palavras, como representação do significante assumem o papel principal na linguagem escrita.



A Menininha estava com no Bando estava uma torneira



colocada e tropeçou em uma pedra no jardim

Figura 13: ago/ 2012- 2º ano

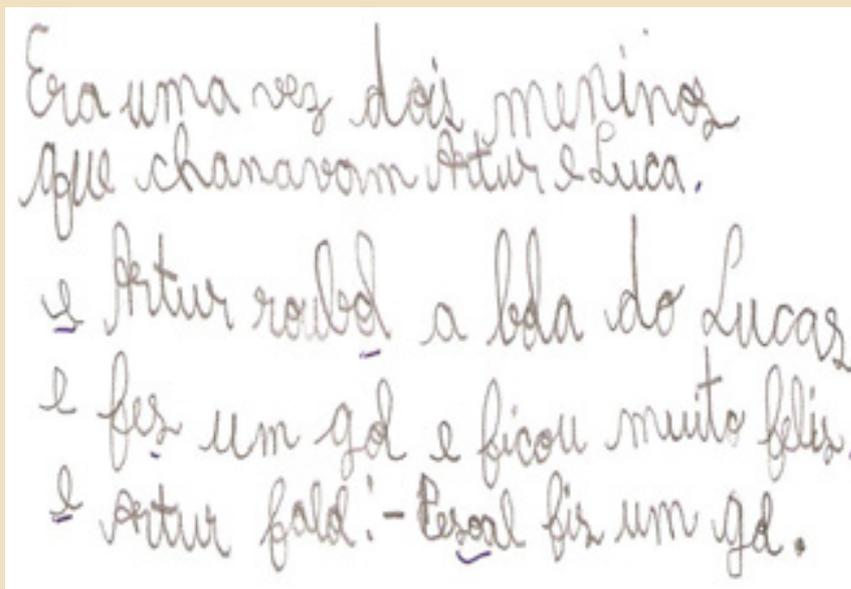


Figura 14: nov/ 2012- 2º ano

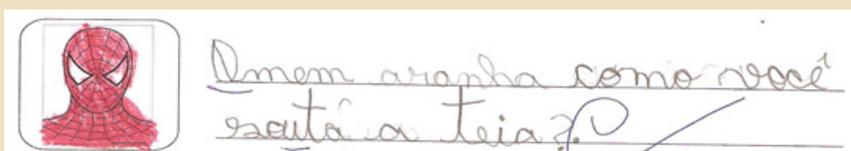


Figura 15: nov/ 2012- 2º ano

Trazendo, a seguir, outro exemplo de Marcela, observa-se que no 2º ano, com a criança já habituada a se comunicar por escrito, utilizando o significante e não apenas desenhos, ela se torna cada vez mais competente para lidar com os significantes de sua língua, ampliando seu vocabulário ao escrever, desenvolvimento melhor a estrutura dos sintagmas e formulando frases e sentenças mais complexas.

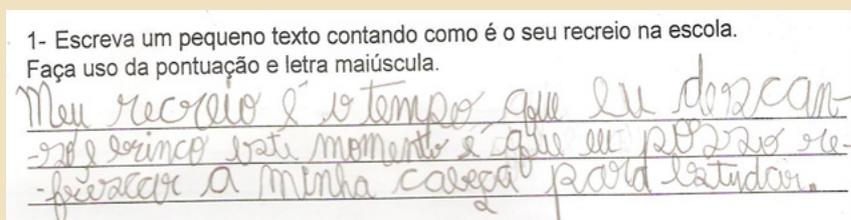


Figura 16: ago/ 2010- 2º ano

Nesta seção, foi possível observar como, de fato, ocorre uma transformação durante a fase de alfabetização da criança. As atividades puderam retratar como o aluno parte do desenho, como representação das coisas e aprende a utilizar palavras para dar lugar a esse primeiro modo de representação do mundo.

## Considerações finais

Saussure, com sua Teoria do Signo Linguístico, deixou o legado do signo como a junção do significado e do significante. O significado, como conceito de algo, pode ser representado por desenhos, como fazem as crianças quando querem representar o mundo e ainda não são alfabetizadas. No processo de construção e aquisição da escrita, o significante vai tomando forma e se torna um representante de um sentido ou conceito inicial. Assim, a criança que originalmente usava um desenho para representar um significado, passa a usar um significante como representante desse significado.

A área de estudos da alfabetização e do letramento tem em Saussure uma grande contribuição, pois, a partir do momento em que essa passagem é compreendida, também o signo linguístico, como uma combinação arbitrária de um significado com um significante.

É nesse sentido que este trabalho procurou contribuir, demonstrando de forma concreta e com atividades utilizadas no período em que uma criança é alfabetizada, como ocorre a, tendo como base a teoria do Signo Linguístico de Saussure, considerando as quatro fases de alfabetização sugeridas por Emília Ferreiro.

## ABSTRACT

According to Saussure, language is a system of signs formed by the junction of the signifier and the signified, in other words, the acoustic image and the meaning. This knowledge greatly contribute to literacy, as in this case, the subject comes from the concrete, through drawings, to abstract knowledge related to the world of writing. Starting from pictographic to ideographic writing, until the arrival of a syllabic script and therefore to an alphabetic script, the subject, in literacy phase, traces the path which Saussure describes through the signifier and the signified, which signs are embraced. In this sense, this paper demonstrates how the transition occurs in a writing that the concept is privileged for a writing in favor of a significant. The activities will portray how the student parts from the draw as a representation of things and learn to use words in order to make room for this world's first representation. In the first section, this article describes and explains

Saussure's theory of linguistic sign. Then, demonstrates how this occurs with examples and children's activities in school literacy period. To conclude, the paper provides some final comments considering this transition process.

**Keywords:** Saussure. Literacy. Signified. Signifier.

## REFERÊNCIAS

BARRÉ-DE-MINIAC, Cristine *et al.* **Conceptions théoriques et pratiques d'enseignement de la lecture-écriture.** L'Hamattan, 2004.

CALVET, Louis-Jean. **Saussure pros e contra: para uma linguística social.** São Paulo: Cultrix, 1977.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica.** 9. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 2000.

FERREIRO, Emilia. A representação da linguagem e o processo de alfabetização. IN: FERREIRO, Emilia. **Reflexões Sobre Alfabetização.** 25. Ed. São Paulo: Cortez, 2000, p.9 a 41.

RADE, Izabel C A da S. Alfabetização hoje: onde estão os métodos? **Presença Pedagógica.** Belo Horizonte. V. 9, n. 5, mar/abr.2003.

HERMONT, Arabie Berzi. Como analisar textos de alunos em processos de aquisição da escrita. **Pedagogia em ação.** Belo Horizonte, v.2, n 1, 2010, p. 27 a 39.

KLEIMAN, Angela B. Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar. **Perspectiva,** Florianópolis, v.28, n.2, jul/dez.2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** 25 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil.** São Paulo: Global, 2003.

STARROBINSKI, Jean. **As palavras sob as palavras.** São Paulo: Perspectiva. 1974.

**TEXTOS selecionados.** São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Os pensadores)